



# AEDOS

Revista do corpo discente  
do PPG-História da UFRGS

## **Apresentação do dossiê temático *Temporalidades dissidentes: sujeitos LGBT+ e a escrita da história***

Guilherme da Silva Cardoso

Tiago Vidal Medeiros<sup>1</sup>

Quando propomos, no ano de 2018, a organização do presente dossiê temático à revista Aedos, pensávamos nos 40 anos recém completos do movimento homossexual no Brasil - hoje multiplicados seus atores políticos, conhecido como movimento LGBT+ - como potência para refletirmos sobre as experiências históricas dos sujeitos dissidentes da heteronormatividade, bem como o modo como a historiografia brasileira vem tratando destas. Porém, quanto tempo foi percorrido até que a historiografia, ainda tão afeita às “datas redondas”, reconhecesse as pessoas LGBTs+ como objetos possíveis de estudo, como atores sociais no passado e no presente? E mais, enquanto pesquisadores, em suas subjetividades investigando outras experiências.

Também no ano passado completava sua “maioridade” um dos estudos mais importantes sobre a história dos dissidentes sexuais no Brasil, o livro *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, do brasilianista James Green, publicado por aqui pela primeira vez no ano 2000. O livro é um extenso estudo que aborda as relações mantidas entre homens gays e travestis e o Estado brasileiro ao longo do século XX, entre as quais as classificações e intervenções médico-legais nesses sujeitos, a criação de espaços de sociabilidades nas cidades, como praças, praias, cafés, cinemas e saunas a partir de uma apropriação estratégica do espaço público, a visibilidade deles na imprensa no período do carnaval, a emergência de formas de organização de homossexuais desde os anos

---

<sup>1</sup> Mestrandos do Programa de pós graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1960, e a repressão da ditadura civil-militar brasileira às sociabilidades e movimentos de homossexuais e travestis.

Como já ressaltaram outros estudiosos da temática LGBT+, *Além do Carnaval* foi um ponto de ruptura no estrondoso silêncio da historiografia brasileira sobre essas experiências (VERAS; PEDRO, 2014), tornando-se até hoje referência necessária nos estudos sobre dissidência sexual no Brasil. Por mais que o livro de Green delimitasse sua análise às cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, ele tornou-se uma referência necessária nos estudos sobre dissidência sexual no Brasil, sobretudo de pesquisas que se dedicam a estudar a construção de sociabilidades homoeróticas no espaço público. Os artigos publicados neste dossiê mostram como ainda é necessário estudar os territórios e formas de sociabilidades criadas por dissidentes sexuais, especialmente aqueles localizados fora do eixo Rio-São Paulo. É o caso, como o leitor poderá ver, no artigo de Luiz Morando ao investigar em jornais e autos judiciais o “Crime do Parque”, ocorrido no Parque Municipal, espaço de homossociabilidade na Belo Horizonte de 1946. Nesse sentido, abordando a homossexualidade masculina nas “vilas de malocas” de Porto Alegre, o estudo de Rodrigo Weimer investiga o viés moralista que existia sobre sexualidade desviante na prefeitura da capital gaúcha nos anos 1950, lhe utilizando como pretexto para expulsões da localidade.

Da mesma forma, as relações que sujeitos LGBTs+ mantém com o Estado e a sociedade civil em tempos de autoritarismo tem sido recorrentemente objeto de análise de historiadorxs. Como vivem esses indivíduos em regimes ditatoriais que buscam eliminá-los? Como resistem cotidianamente e como lidam com suas memórias traumáticas? Como o discursos e as práticas governamentais tentam conformar subjetividades LGBTs+? Essas são algumas perguntas que os textos de Janaína Langaro e Eduardo de Almeida visam explorar em suas pesquisas. Em Langaro, vemos um estudo sobre a perseguição e as demissões sob acusação de “homossexualismo” no Ministério das Relações Exteriores, presentes nas atas da Comissão de Anistia. Também pesquisando o contexto da Ditadura Civil-Militar, está a pesquisa de Almeida, ao discutir a importância do jornal *Lampião da Esquina*, bem como sua atuação para um nascente Movimento Guei. Pensando as experiências de três homens homossexuais deportados para campos de concentração, bem como o exercício da sexualidade nesse local, vemos o artigo de Karen Pereira, que a partir de conceitos de Michael Pollak investiga essas memórias demonstrando suas diferentes experiências e percepções.

Se hoje, como apontaram Veras e Pedro (2014), já não é mais possível duvidar de uma historiografia LGBT+ no Brasil - ainda que lhe possa resistir - este dossiê contribui também

para pensarmos sobre a forma como essas *histórias transviadas* têm sido escritas. Não seria esta historiografia ainda muito branca e masculina? De que corpos falamos quando nos propomos a escrever uma história dissidência sexual? É possível uma historiografia queer? Os artigos nesse sentido nos convidam a pensar sobre essas questões e a construirmos uma outra história, em diálogo com outros campos e sujeitos. Na pesquisa de Hariagi Nunes, vemos uma reflexão sobre o corpo pós-pornográfico e pornoterrorista, chamando a escrita da História a repensar suas naturalizações e discursos. Analisando essa escrita que concebe uma invenção do passado, está o trabalho de Cassiano Celestino de Jesus, buscando um diálogo entre o discurso historiográfico com as possibilidades das teorias queer.

Refletindo sobre o papel da imprensa na história dessas experiências, temos a pesquisa de Paula Silveira Barbosa, trazendo uma narrativa sobre o conjunto da Imprensa Lésbica brasileira, nos vestígios de sua trajetória entre o período de 1981 e 1995. Leonardo Martinelli, por sua vez, busca uma análise da representação das homossexualidades na revista *Veja* em 1977, em diálogos com os estudos queer.

Convidamos o/a leitor/a a embarcar por essas narrativas, que comunicam experiências múltiplas, em sujeitos que se apresentam tal as temporalidades que lhe regem – dissidentes – trazendo nesses (des)caminhos de Clio e Eros, incentivos e mesmo provocações para o permanente *repensar* da disciplina. Na subversão que se torna o ato de diferir da heteronormatividade, podemos assim, conhecer melhor as experiências que compõe esse presente tão urgente que habitamos.

### **Referências:**

GREEN, James. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, set./dez. 2014, p. 90-109.